

INTRODUÇÃO

A experiência de fé que surge no contexto dos feminismos traz à luz uma nova face da tradição cristã, questionando práticas, linguagens e instituições, inscritas em culturas e em sociedades patriarcais. Também descortina horizontes de uma nova configuração histórico-cultural do cristianismo. A *voz* e a *visibilidade* das mulheres, numa perspectiva feminista, não representa um simples ajuste de novos sujeitos a antigos padrões eclesiais, de uma nova palavra aos mesmos paradigmas interpretativos da realidade, enfim, das mulheres à mesma configuração histórico-cultural da fé em terrenos patriarcais. Ao contrário, representa uma transformação dos sistemas sócio-culturais e religiosos.

Embora, os discursos da inculturação ressaltaram o valor e a equivalência de todas as inculturações, a idéia de que algumas são mais importantes para a vida da Igreja que outras mantêm, até hoje, raízes por todos os lados, na prática e na linguagem da fé. Nesse contexto, os diferentes caminhos pelos quais inculturações atuais se visibilizam constituem rupturas, que vão minando tendências implícitas e explícitas de absolutizar uma linguagem e uma configuração histórica da fé. Nossa intenção é estudar o feminismo na Igreja, como um fenômeno de inculturação, colaborando, assim, em seus caminhos de manifestar hoje a presença do Deus que Jesus nos mostra, entre nós.

A questão fundamental que se coloca a essa nossa proposta se refere à pergunta pela cultura do feminismo. Em que sentido, reconhecemos nele uma cultura, para que seja possível falar de inculturação? A resposta a essa pergunta implica, entre outras coisas, uma compreensão integradora de cultura, e uma nova visão da cartografia das culturas. Como movimento político, é igualmente cultural; e como diversidade cultural não se contradiz com sua perspectiva cultural comum.

Para o desenvolvimento de nossa proposta, recorreremos a obras fundamentais e a obras específicas. As primeiras se referem à temática da teologia da inculturação, constituídas por duas vertentes epistemológicas: uma, vem das ciências humanas, que se ocupam do tema da cultura, e da experiência; outra, vem da teologia, particularmente da compreensão de fé no contexto da inculturação. Elas nos oferecem o instrumental antropológico e teológico para o estudo do feminismo cristão. As obras específicas também são constituídas por duas vertentes epistemológicas: uma do feminismo e de teorias feministas, outra da Teologia Feminista.

Seguiremos o método de pesquisa teórica. Delinearemos as mediações antropológicas e teológicas que servirão de substrato teórico para uma leitura do feminismo cristão, à luz da categoria teológica da inculturação.

O itinerário de nossa investigação se divide em três partes:

A primeira aborda aspectos contextuais, e os fundamentos teóricos a serem utilizados no estudo do feminismo cristão como uma modalidade de inculturação. É formada por três capítulos. No primeiro, faremos um aceno à circunstância histórica da origem e do desenvolvimento do feminismo na sociedade e na Igreja, e indicaremos a opção a partir da qual falaremos de cultura, não a partir das mulheres, com base unicamente na *natureza*, mas a partir de um movimento histórico articulado predominantemente por mulheres - o feminismo, que provocou mudanças em todos os níveis sócio-culturais e religiosos.

O feminismo se desenvolve dentro de um contexto mais amplo das mudanças históricas que colocaram em crise a configuração patriarcal do cristianismo, e abriram possibilidades de uma transformação. Na medida em que mulheres cristãs respiraram ares do feminismo, colaboraram para uma nova consciência seja em relação à perspectiva patriarcal na Igreja, em suas formas antigas e modernas, como em relação às rupturas dessa perspectiva, que possibilitam caminhos de uma inculturação libertadora. Porém, o próprio feminismo, na sua pluralidade, realiza um diálogo interno crítico, para que a valorização das dimensões tradicionalmente associadas ao feminino esteja associada a uma transformação mais ampla do dualismo cultural e das estruturas hierárquicas.

No segundo e no terceiro capítulos, faremos uma incursão aos temas fundamentais, respectivamente, ao tema da cultura e o da inculturação. Delimitaremos uma compreensão de cultura, “útil” para uma visão integradora e libertadora de inculturação, e para uma visão do feminismo como fato cultural e fator de cultura. A partir do olhar de diversas ciências, distinguiremos um conceito de cultura que leve em conta o entrelaçamento entre formas simbólicas, padrão de comportamento, valores, contextos sócio-históricos, e a situação atual multifacetada e de interligação global. Por fim, faremos um aceno à modernidade, um movimento histórico-cultural complexo, como o contexto mais amplo, com o qual o feminismo se relaciona de forma dialética. Por um lado, lança suas raízes na nova consciência histórica que permitiu romper a naturalização de uma imagem contingente do ser humano, e nos ideais modernos de emancipação e libertação que influíram para uma nova compreensão da mulher; por outro, surge como reação às contradições da modernidade.

A respeito da inculturação, apresentamos os aspectos fundamentais de uma compreensão do fenômeno como um processo de mão dupla, no qual, por um lado, o Evangelho influi na cultura, afirmando e potenciando sua perspectiva humanizadora e criticando aspectos que não promovem humanização; por outro lado, a cultura influi no Evangelho, sempre já inculturado, desconstruindo interpretações distorcidas, visibilizando aspectos submersos, e tecendo interpretações inusitadas. Por fim sublinhamos a compreensão de inculturação, como uma experiência salvífica interpretada, ocupando-nos um pouco mais do tema da experiência de Deus como experiência interpretada.

A segunda parte é constituída por uma introdução ao feminismo na sociedade e na Igreja (quarto e quinto capítulos, respectivamente). Na sociedade, surge com a nova consciência histórica, lança suas raízes nos movimentos modernos de emancipação, e nos movimentos críticos da modernidade, mas em todos eles brota como reação a contradições internas, que perpetuavam padrões patriarcais. Por conseguinte, se realiza como fator de ampla transformação cultural.

No Brasil, surge associado a um conjunto de diversas mobilizações sócio-políticas. Manifesta-se na tensão entre focalizar as chamadas questões específicas das mulheres em meio a uma realidade sistêmica de marginalização que atinge

mulheres e homens. Se a libertação das mulheres não vem separada de um projeto amplo de transformação da sociedade, a transformação da sociedade não pode silenciar a especificidade das questões femininas.

Longe de ser um bloco monolítico, o feminismo é um movimento plural e multifacetado. As diferenças, no entanto, não se excluem, senão que se abarcam, se concretizam e se lhes dão forma, seja no caminho da transformação de sistemas sócio-culturais enraizados por todos os lados, como no tecer realidades novas. Em sua diversidade, os feminismos influem para uma relacionalidade mais recíproca e uma visão mais sistêmica de todas as coisas. À luz dessas perspectivas culturais, não só desenvolveu novas categorias de análise, mas sobretudo prioriza uma forma mais sistêmica de analisar a realidade.

O feminismo também entrou nas igrejas. As mulheres emergem em voz e em visibilidade, questionando uma prática, uma instituição, uma linguagem, e uma teologia. Não significa que antes não estivessem presentes. Ao contrário, sempre estiveram presentes na vida da Igreja, mas sua presença era tida como auxiliar, e não como pessoa com cidadania plena. Com a nova consciência, as mulheres se articularam coletivamente em caminhos de transformação, em todas as instâncias práticas e da construção do saber. Porém, o percurso histórico do feminismo nas Igrejas não se deu dentro de um processo retilíneo e tranquilo, ao contrário, não faltaram tensões, assim como aconteceu com o cristianismo em relação à modernidade e à crise da modernidade.

A Teologia Feminista surge como uma das expressões da *voz das mulheres* na Igreja. É predominantemente desenvolvida por mulheres, embora como teologia feminista não resulte apenas do fato de ser produzida por mulheres, senão de seu entrelaçamento com experiências cristãs enraizadas em *terrenos de emancipação e libertação feminina*, e da experiência cristã dentro desses movimentos. Seu horizonte cultural e epistemológico vem do feminismo. Seus temas são os grandes temas de toda autêntica teologia, porém o *enfoque é outro e outra é a maneira* de abordá-los.

A terceira parte - o núcleo de nossa tese - consta de dois capítulos (o sexto e o sétimo), nos quais apresentamos aspectos nucleares do processo de inculturação que estamos estudando: o primeiro se refere à experiência de fé que as mulheres cristãs realizaram, influenciadas pelo feminismo (capítulo sexto); o

segundo, a imagem feminina de Deus, que emerge dessa experiência e a tece. Trata-se de uma imagem feminina, dentro de um novo paradigma de linguagem (capítulo sétimo).

A raiz do novo processo de inculturação está na experiência cristã vivida pelas mulheres, à luz de perspectivas feministas. Por um lado, as experiências são diversas e distintas tanto quanto são diversas e distintas as mulheres; por outro, em todas as partes, na medida em que emerge de mil formas e maneiras uma nova consciência em relação às potencialidades das mulheres e as dificuldades que enfrentam em culturas patriarcais, existe uma experiência de libertação, ou de contraste que gera mudanças. O que se tornou explícito e articulado com o surgimento do feminismo, de diferentes formas aparece no passado e em toda parte.

Não nos aproximaremos diretamente dessa experiência, vivida à luz da fé, senão através da Teologia Feminista, que nos oferece uma interpretação segunda. Suas lentes são formadas por vários elementos, incluindo opções antropológico-teológicas, tecidas por uma *correlação crítica* entre a visão do ser humano que emerge no feminismo e visões cristãs que surgiram em outras culturas. Nessa correlação crítica, por um lado não são aceitas posições antropológicas feministas extremas, como a compreensão essencialista da identidade da mulher e do homem, ou a visão construtivista que mantém um dualismo entre natureza e cultura. Também são rejeitadas as posições cristãs que assimilaram dualismos e essencialismos. A Teologia Feminista prioriza uma visão unitária, que integra as múltiplas dimensões do humano associadas ao biológico, ao psíquico-afetivo, ao racional-espiritual; à autonomia e à interdependência; ao individual, ao social, e a outros fatores.

A partir dessas lentes antropológicas e de uma clara opção em favor da libertação e emancipação feminina, a Teologia Feminista se ocupa da experiência salvífica das mulheres dentro de sociedades patriarcais, sobretudo das experiências de Deus nas experiências de contraste, ou de libertação. Nelas, Deus é experimentado como presença que afirma caminhos de mudanças, de transformação e de solidariedade, de realização de nova humanização de todos, sobretudo a partir da humanização das mulheres. As particularidades dos distintos contextos, não determinam apenas os diversos contornos das experiências

geradoras de mudanças em favor das mulheres, como também a interligação solidária entre umas e outras. Além disso, a Teologia Feminista focaliza a experiência de Deus no (com)viver múltiplo, unitário e relacional, como experiência de Cristo, que manifestou a presença amorosa de Deus entre nós no (com)viver integrador e inclusivo.

A Teologia Feminista, embora reinterprete a tradição cristã na sua totalidade, encontra nas tradições da Sabedoria (*Hokmā*, em hebraico; *Sophia*, em grego; *Sapientia*, em latim) re-apropriadas numa perspectiva feminista, um paradigma para a experiência de Deus, e para a própria interpretação teológica. A dupla metáfora: sabedoria como uma maneira de viver, e Sabedoria como representação feminina do Divino apontam para um caminho que articula inclusividade e justiça, cuidado da natureza e ordem social justa; variedade e unidade, mística e ética; sentimento e razão. Além disso, a tradição da Sabedoria como uma imagem feminina do divino, extraída da experiência das mulheres e das tradições religiosas da Deusa, se torna uma referência iluminadora para a construção feminista atual da imagem feminina de Deus.

As primitivas tradições cristãs perceberam em Jesus e em seu movimento, a realização dos caminhos da Sabedoria. Jesus proclamou a graciosa bondade da Sabedoria-Deus a todos em Israel, sem exceção, sobretudo aos grupos de pessoas que, para os setores judaicos mais privilegiados da época, não estavam incluídos como destinatários da *Basiléia*: os empobrecidos; os doentes; os coletores de taxas, os pecadores e as prostitutas. Esse caráter inclusivo do movimento de Jesus permitia que mulheres e homens, das mais diversas procedências fizessem parte do grupo de discípulos e discípulas.

A experiência da fé na experiência de nova humanização das mulheres faz emergir a questão da linguagem sobre Deus. Reaparecem as mesmas perguntas de sempre, pelo como falar corretamente do que a Divindade é para nós. Se Deus é essencialmente mistério insondável, infinito, como nos é possível falar de seu Ser, de sua presença, dentro de nossa linguagem humana? Nas tradições religiosas habita uma *tensão* entre a adoração (idolotria) e a proibição de imagens. Entre esses dois pólos extremos situam-se esforços responsáveis para descobrir as possibilidades de nossa linguagem apontar para o mistério, possibilitando-nos a experiência consciente de sua presença.

A Teologia Feminista, embora tenha enfrentado a pergunta por Deus na sua globalidade, e tenha reinterpretado os símbolos recebidos na sua totalidade, sublinha a reflexão em torno do *símbolo feminino*, como uma de suas contribuições mais específicas. Por um lado, desenvolveu críticas, não às imagens masculinas em si, mas ao seu uso exclusivo, literal, e ao fato de serem modeladas pela visão patriarcal do masculino. Também mostra como muitas tentativas de renovação promovem apenas uma feminização de um Deus que, literalmente continua um Ele. Por outro, contribui criativamente para recuperar a imagem feminina dentro de um novo paradigma de linguagem.

Como exemplo, apresentaremos dois símbolos femininos, que são relevantes na Teologia Feminista. O primeiro é o símbolo da Sabedoria: é fascinante no contexto da tradição cristã feminista, porque utiliza a imagem da mulher – dentro de uma visão de mulher muito mais integradora que a visão do feminino tradicional, e a tradição da Deusa para falar do Deus que Jesus nos mostra. É um símbolo. O segundo, é o símbolo da Mãe, sem dúvida o mais primordial das religiões, e também presente na tradição bíblico cristã, apesar da visão patriarcal dominante que a eclipsou, ou subordinou à imagem do Pai.

Além disso, abordaremos a questão cristológica no contexto do símbolo feminino de Deus. Também neste caso, a Teologia Feminista reinterpreta todos os símbolos cristológicos, mas prioriza a recuperação da cristologia sapiencial, que utilizou a figura da Divina Sophia, como horizonte teológico para falar de Cristo.

A modo de conclusão, ressaltamos que a experiência cristã a luz do feminismo, continua irrompendo, entre possibilidades e resistências; influenciando para uma nova configuração histórica do cristianismo. A Teologia Feminista colabora para o difícil caminho de mudança de um paradigma teológico-cultural em meio a relações de poder. No sentido positivo, trata-se da realização de uma cultura integradora em caminhos de transformações estruturais e de construção de relações mais igualitárias, justas e recíprocas; ou transformações estruturais e construção de novas relações em caminhos de culturas mais integradoras.

Por fim, através da poesia *tecendo a manhã* visualizamos de forma metafórica o despertar das mulheres na Igreja, suscitado e iluminado pela Sabedoria, como um despertar de vozes multiculturais. Em todas as partes, colaboram para tecer *manhãs* e *amanhãs* de esperança, e nos convidam a entrar na

Casa Aberta e Inclusiva da Sabedoria. No atual contexto de um cristianismo plural, quando se abrem múltiplas possibilidades de diálogo, com muitos setores da Igreja; mas, também, se enrijecem as resistências através do reforço de uma instituição clerical e do surgimento de movimentos neoconservadores, a irrupção de feminismos na Igreja, como um movimento incontido se desenvolve prioritariamente em caminhos alternativos, relacionados a instituições oficiais. Caminhos de uma espiritualidade a um tempo integradora, inclusiva e libertadora.

A *meta* para a qual se dirige nosso trabalho teológico, compartilha com a meta da Teologia Feminista: colaborar para o conhecimento da experiência da revelação bíblico-cristã, gestando-se no contexto do feminismo; e que, a partir desse contexto, se destina a toda a Igreja. A Teologia Feminista, como palavra enraizada em terrenos de emancipação e libertação das mulheres, pretende colaborar para uma nova consciência seja das situações degradantes da vida de cada mulher/homem e de todas/os mulheres/homens, de um lado, como das possibilidades de relações novas, humanizadoras, de outro. É certo que todo pensamento crítico colabora para uma nova consciência, e para uma nova visão da realidade. Porém, a teologia o faz a partir da fé, da experiência de Deus presente entre nós.

Uma das preocupações centrais da Teologia Feminista é colaborar para que sejamos capazes de “discernir os espíritos” no caminho experiencial da fé, rompendo práticas e idéias preconcebidas, que de forma explícita ou sutil, favorecem relações desumanizadoras na Igreja e na sociedade. E, sobretudo, para que nos demos conta da *presença atual* do Deus dos mananciais de justiça e plena humanização, revelado na tradição bíblico-cristã; para que entremos na *ampla casa aberta da Sabedoria*, onde não existem barreiras, nem exclusão, onde na mesa se serve o pão do alimento e o vinho da celebração, e onde o Espírito circula com liberdade. Seu dinamismo educa nossos sentimentos e nossa inteligência, rumo a uma espiritualidade que não nos cale, senão que nos impulse em caminhos de auto-estima, de sobrevivência, de celebração, de transformação, justiça e bem estar para todas/os¹.

¹ FIORENZA, E. S. **Los caminos de la Sabiduría**: una introducción a la interpretación feminista de la Biblia. Santander: Sal Terrae, 2004.11-33 e 73.

O empenho é com a visão celebrada no antigo hino batismal: em Cristo Jesus, “não há nem judeu, nem grego, nem escravo nem livre, homem e mulher” (Gal 3,28). Uma visão, que, embora nunca plenamente realizada, vai acontecendo em cada movimento rumo a uma comunidade sem subserviência, sem marginalizações, centrada em relações de ajuda mútua não hierárquica que visibilize a presença de Deus entre nós.